



O conto visionário “Funes ou a memória” integra a obra “Ficcões” de Jorge Luís Borges, aqui ao lado da mulher, Maria Kodama

CHARLES H. PHILLIPS/GOOGLE LIFE

## A fascinante escrita neurocientífica de Jorge Luís Borges

Memória afectada descrita pelo escritor argentino inspira artigo na revista “Nature”



**RODRIGO QUIROGA**

“A história de Funes deu-me boas pistas para a minha investigação e adorei conhecer Maria Kodama [viúva de Borges] e falar sobre os seus interesses científicos e a sua memória incrível. Acho que a descrição perspicaz de Funes na década de 1940 é uma visão refrescante para os neurocientistas, sobretudo os que se interessam pela memória, paralela aos contributos de outros cientistas que influenciaram a investigação em torno do cérebro.”

**MARTA F. REIS**

*marta.reis@ionline.pt*

Num relance, uma pessoa vê três copos de vinho numa mesa. Ireneo Funes, o protagonista da história dentro desta história, vê os ramos, os cachos e as bagas das uvas. Lembra as formas das nuvens a sul, no amanhecer de 30 de Abril de 1982, e compara-as com o mármore granulado de um livro encadernado em couro, que viu uma única vez. A descrição é de Jorge Luís Borges, o escritor argentino desaparecido em 1986, e constrói a personagem principal do conto “Funes ou a memória”, publicado em 1944 na obra “Ficcões”. Esta percepção clara de que é uma memória afectada, anos antes de a ciência perceber os porquês, é homenageada hoje num artigo publicado na revista científica “Nature”.

Rodrigo Quiroga, investigador em neurociências e professor de Bioengenharia

da Universidade de Leicester, no Reino Unido, é o autor do elogio. Conta ao *i* que, desde o curso de Física – que concluiu em Buenos Aires em 1993 –, sente um enorme fascínio pelo conteúdo científico, e muitas vezes vanguardista, da escrita de Jorge Luís Borges, seu conterrâneo.

Na retrospectiva de uma página publicada na “Nature” recorda esta sua personagem, Ireneo Funes, um jovem uruguaio que depois de um acidente de cavalo fica paralisado mas com uma memória absoluta e ao mesmo tempo condicionada. Funes, escreveu Jorge Luís Borges (e lembra Rodrigo Quiroga), “era virtualmente incapaz de ideias gerais ou platónicas”. “Pensar é ignorar (ou esquecer) diferenças, generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores. Não só lhe custava compreender que o símbolo genérico cão abrangesse tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversas formas, como se aborrecia por o cão das três e catorze (visto de perfil) ter o mesmo nome que o cão das três e quarto (visto de frente).”

**CIÊNCIA COM MAIS PENSAMENTO** Segundo o investigador, o facto de só se ter começado a compreender a função da

memória a partir de 1950 faz com que a análise de Jorge Luís Borges seja surpreendente. “Na altura de Borges não tínhamos as metodologias que temos hoje para estudar o cérebro e a função da memória. Ele conseguiu um entendimento bastante correcto só com base na reflexão”, explica Rodrigo Quiroga.

Quando o conto foi publicado não se suspeitava que havia uma zona do cérebro, o hipocampo, responsável pela formação de novas recordações. Na altura, a chave foi o famoso “Paciente H. M.”, ou seja, Henry Gustav Molaison, que morreu em 2008 depois de dois terços da sua vida com uma amnésia anterógrada (só se lembrava do antes da operação) depois de lhe terem removido o hipocampo, numa tentativa de o curar da epilepsia.

Em 2005 a ciência avançou: descobriu-se um tipo de neurónios que dispara em resposta a conceitos abstractos, por exemplo diferentes fotografias da Jennifer Aniston, adianta Quiroga, um dos autores do estudo científico, que anunciou esta nova conquista. Se houver uma falha neste tipo de neurónios, muito provavelmente está explicado o problema de Funes, mas, pensa-se, também a base de perturbações como o autismo.

Jorge Luís Borges lia apenas a ciência do seu tempo, e as suas anotações mostram interesse por detalhes da psicologia do início do século *xx* – ideias como a de que nos primeiros dez anos de vida a pessoa soma 100 recordações e 10 mil nos primeiros 35 anos. “Acho que isto pode ser uma boa lição para os cientistas. Às vezes estamos tão fascinados com o poder das novas técnicas que não gastamos o tempo que devíamos a pensar em profundidade”, diz Rodrigo Quiroga.

Neurocientista diz que Jorge Luís Borges mostra o potencial da reflexão num mundo de técnicas inovadoras